

A literatura de Hamilton Borges entre seus leitores: vozes pretas no “centro do problema”

Luciana Sacramento Moreno Gonçalves¹⁸

Mércia de Lima Amorim¹⁹

Introdução

Este artigo visa compreender os percursos de leitura de alguns jovens pesquisadores participantes do Grupo de Estudos Literatura e Periferia(s) – que aqui nos referiremos como GELPs – em torno das obras *Teoria Geral do Fracasso* (2017) e *Salvador, Cidade-Túmulos* (2018), ambas do escritor Hamilton Borges. Para isso, primeiro, será feita uma apresentação do GELPs e depois do escritor e de suas obras.

O objetivo deste trabalho é problematizar a experiência promovida pela leitura literária entre leitores de obras da literatura brasileira contemporânea, mais precisamente, aquela que se situa no que chamamos de escrita preta e que emerge de contextos periféricos. Apresentaremos breve perfil dos leitores e algumas análises a partir dos efeitos provocados pela leitura das obras citadas nestes.

O nosso percurso metodológico se dará através de uma abordagem qualitativa, de cunho interpretativo. Após discussão em torno da experiência leitora por Larrosa (2007), apresentaremos as análises tecidas a partir de breve questionário, aplicado entre sete leitores do GELPs, composto por três perguntas, a saber: como avaliavam as obras lidas; qual texto mais chamou a atenção deles e quais efeitos a leitura dessas obras provocou neles? A intenção é buscar compreender que efeito a prática da leitura literária promoveu entre eles e como se dá tal experiência de ler literatura. Auxiliaram-nos teoricamente Jaus (1999) e Iser (2012), além de Gonzalez (2018) e Mbembe (2018).

Pesquisar a literatura preta, em contextos periféricos

O Grupo de Estudo Literatura e Periferias, local de onde parte esta análise, é mais conhecido como GELPs, e seus componentes, são chamados de gelpianos. Existe desde 2014 e é desenvolvido no Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia, Campus XIII, em Itaberaba/ Bahia. O grupo tem como objetivo estudar a literatura brasileira produzida a partir dos anos 90 do século XX por homens e mulheres que tratam da cultura da periferia como cenário e/ou personagem e também que, tendo nascido nestes territórios, reconhecem e se inserem em suas estratégias de sociabilidades por terem elaborado suas identidades individuais e coletivas a partir destas localidades, cindidas por questões raciais e sociais. Tal

18. Professora adjunta da Universidade do Estado da Bahia no Departamento de Educação – Campus XIII e no Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem.

19. Mestranda do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem.

grupo de pesquisa tem buscado paulatinamente ampliar as concepções sobre os autores contemporâneos oriundos de comunidades periféricas que retratam em seus textos ficcionais vivências dos sujeitos que compõem estes lugares, permitindo-nos refletir de maneira alargada sobre tais escritas e toda rede de discussão que promovem em torno da literatura, da leitura e do livro.

No GELPs, cada autor/a é estudado/a em encontros periódicos, realizados durante um semestre. Ao final desta etapa, há um encontro fechado e presencial entre o/a escritor/a com os participantes do grupo e, logo após, com a comunidade interna e externa à universidade. Além disso, o grupo promove duas ações, uma de caráter extesionista e a outra com finalidade de divulgar e democratizar os resultados da pesquisa. A primeira relaciona-se aos modos de circulação dos textos dos escritores e escritoras pesquisados/as, pois realiza entre alunos de escolas do ensino básico práticas de leitura que fomentem o acesso a essas obras literárias e aos seus escritores, sobretudo, presencialmente. A segunda ação configura-se na produção de artigos feitos pelos componentes do grupo a cada final de ano sobre um dos aspectos destacados nas obras dos autores estudados.

Para este artigo, recorreremos aos encontros que o grupo realizou para ler os livros publicados pelo escritor Hamilton Borges e selecionamos alguns dos seus jovens leitores a fim de ouvi-los para compreender como significaram o processo de leitura destas obras literárias. Ressaltamos que após dois meses de encontros semanais realizando a prática de leitura, intitulada de círculos de leitura, com as já citadas obras de Hamilton Borges, partimos para o diálogo com alguns dos leitores que compõem o grupo de pesquisa.

Entre leitores, a literatura quilombista de Hamilton Borges

O escritor Hamilton Borges dos Santos (Walê) nasceu e se criou no Curuzu, bairro da Liberdade, em Salvador. Atualmente, com 54 anos, vive no Engenho Velho de Brotas. É bacharel em Direito e idealizador do projeto pan-africanista *Reaja ou será morto, Reaja ou será morta*, que tem como objetivo lutar contra a violência policial, pela causa antiprisional e pela reparação de familiares de vítimas do Estado (execuções sumárias e extrajudiciais) e dos esquadrões da morte, milícias e grupos de extermínio²⁰. Publicou em, 2017, o livro *Teoria Geral do Fracasso* e, em 2018, *Salvador, Cidade-Túmulo*, ambos pela editora independente Reaja.

O primeiro livro de Hamilton Borges lido durante os círculos de leitura pelos leitores aqui referenciados foi *Teoria Geral do Fracasso*, o que já os despertou pelo título emblemático e os provocou a buscar, via inferência, razões para este nome. Este livro é dividido em duas partes: a primeira, denominada de *A Casa*, na qual o autor perpassa pelas temáticas sobre o nascimento, a infância, a presença

20. Disponível em: <http://www.reajaouseramortx.com/>. Acesso em 08 set. 2018.

marcante das mulheres em sua vida, o despertar da poesia em sua trajetória e declaração amorosa a sua companheira e filhos. Na segunda, intitulada de *A Rua*, o poeta e o militante aparecem intrinsecamente. Dedicar alguns poemas a amigos que, geralmente, estão situados à margem da sociedade. E pessoas que vivem em privação de liberdade, em cadeias, também ganham visibilidade nessa segunda parte. O livro é composto por 24 poemas com os títulos iguais aos seus primeiros versos, numa linguagem direta e consistente, que muitas vezes, pelo seu teor narrativo e pelos versos longos, aproximam-se da prosa.

Salvador, Cidade-Túmulo, segundo livro de Hamilton, reúne dez contos ácidos e viscerais, que dão voz a pessoas pretas de Salvador que não são levadas em conta. Apresenta histórias que trazem o universo das ruas, das drogas, dos terreiros, das mulheres e homens trans, promovendo debates sobre racismo, necropolítica, genocídio, machismo, transfobia e outros temas que atravessam o livro. Logo na dedicatória e agradecimentos, o escritor reverencia os corpos mortos que povoam os seus textos e reivindica justiça a estes. Antes de tudo, dedica sua literatura às mulheres que tiveram total influência em sua vida, a exemplo de sua avó e sua mãe e são aquelas que, para as populações negras e periféricas, labutam em prol de uma existência digna.

O escritor Hamilton Borges nos aponta um desafio: a rejeição reiterada ao adjetivo *periférica*. Observamos a recorrência desta crítica presente também em muitos escritores da literatura negra que se faz na Bahia atualmente. Borges (2018) declara seu afastamento a esta caracterização a partir da ausência de racialização do debate em produções, que se declaram periféricas, geralmente provenientes de São Paulo. Assim, o recorte de raça, portanto, para a literatura de Hamilton Borges considera a periferia como um espaço cuja população preta reside em sua maioria, não por escolha, mas sim por contingências históricas, políticas e sociais que a levou justamente para os territórios mais distantes do centro, com presença de uma geografia complexa para o abrigo humano e também com poucos investimentos governamentais em relação a estruturas urbanas e equipamentos culturais.

Neste movimento, Hamilton Borges afirma escrever uma literatura quilombista. Tal inserção nos dá ampla possibilidade de interpretação. Todavia, associando a declaração do autor a sua escrita, confirmamos a sua literatura como aquela que é direcionada para pessoas, que por serem negros e negras, são alijadas dos seus direitos sociais, mas nem por isso deixam de perseguir que seja assegurada a elas a sua humanidade. Para isso estruturam-se, organizam-se em espaços comuns para lutar pela legitimidade de suas existências. É uma literatura feita a partir de uma voz poética negra que quer ser lida por leitores negros, com o fim de se tornar referência para a ocupação irrestrita do povo negro nos espaços de poder.

Luiz Carlos Alencar (2018), ao fazer a apresentação de *Salvador, Cidade-Túmulo*, reforça a concepção de que o autor deseja com sua escrita evidenciar os sujeitos negros e periféricos, até então invisibilizados, a fim de clamar por justiça e por militar diante do genocídio que incide por toda complexidade do povo negro, seja em seu espírito, em seu pensamento, em seu corpo, em sua história. Mortes estas que contradizem uma Salvador alegre e harmoniosa, estampada nos *folders* de turismo. Alencar (2018, p. 7) diz que:

Salvador, Cidade, Túmulo é a recusa da paz dos cemitérios. Seus personagens, muitos realmente mortos no cotidiano colonial da primeira capital, são convocados à vida pela literatura de Hamilton. Trazem consigo a Liberdade, sua comunidade, o desejo e o amor, seus ancestrais, a amizade, a farra, o sorriso e a gozação, a ginga e a reza, um Curuzu desnudo na ternura dos que erigem acima das tumbas e renitência do povo negro.

A escrita de Hamilton Borges, tanto em *Teoria Geral do Fracasso*, quanto em *Salvador, Cidade-Túmulo* evidencia muitas dores e tristezas, todavia o que se destaca nestes livros é a vida que pulsa entre o povo preto baiano, que reside nestas localidades apartadas racialmente e socialmente, a que chamamos de periferias e o quanto elas resistem, na alegria, cultura, afetos e religiosidade. Nesse contexto, Alencar dialoga com o que diz a escritora Toni Morrison quando afirma que:

Não há tempo para o desespero, nenhum lugar para a auto piedade, sem necessidade de silêncio, sem medo... eu sei que o mundo está machucado e sangrando, e embora seja importante não ignorar sua dor, também é crítico se recusar a sucumbir à sua malevolência. (ALENCAR, 2018, p. 07)

Sobre o GELPs, sinalizamos que este tem um público híbrido. É composto por alunos regulares e egressos dos diferentes cursos (Letras, História, Pedagogia, Direito e Ciências Contábeis) da UNEB – campus XIII, situada em Itaberaba, cidade baiana, distante a 280 quilômetros da capital e pertencente ao território, chamado de Piemonte Paraguaçu. O grupo também agrega alunos das escolas de ensino básico, militantes de movimentos sociais, a exemplo do Movimento Sem Terra e participantes dos coletivos de Hip-Hop da cidade e região. Isso sinaliza para uma prática do grupo de não limitar suas ações, em torno da pesquisa e extensão aos graduandos da instituição a que o grupo está vinculado.

Entretanto, como respondentes do questionário que subsidia as reflexões deste artigo, selecionamos sete gelpianos, dentre eles quatro mulheres e três homens, de faixa etária entre 19 e 26 anos, estando todos, portanto, numa faixa etária que no Brasil corresponde à juventude. São naturais de Iaçú, Itaberaba, Nova Redenção, Ruy Barbosa,

ou seja, quase todos pertencem ao território de identidade, denominado de Piemonte Paraguaçu. Apenas um é de fora da Bahia (Piracicaba, São Paulo) e outro se identificou apenas como brasileiro, não revelando nem cidade ou estado onde nasceu. Do grupo, todos residem em Itaberaba, apenas um vive numa cidade distante a vinte quilômetros da sede do campus. Todos se identificam racialmente como negros e apenas uma se designa, como parda, o que a inclui no grupo dos negros também. Cinco são alunos do curso de Letras e dois, do curso de História. Ao serem perguntados, sobre identificação social, dois se colocam como classe baixa/pobre; dois não respondem à questão; outra confunde classe social com nome social; outra se identifica como classe média e o último responde como solteiro, funcionário de instituição de ensino superior pública. Neste texto, identificaremos tais leitores pela letra A, seguida de um número ordinal, para que seus nomes sejam preservados e possamos desvelar as experiências que lhes foram provocadas após as leituras das obras *Teoria Geral do Fracasso e Salvador, Cidade-Túmulo*, de Hamilton Borges.

Para a produção deste artigo, inicialmente realizamos por dois meses círculos de leituras semanais no GELPs, a partir da leitura desses livros de Hamilton Borges. Terminados os encontros, elencamos sete leitores e aplicamos a eles um questionário de três questões, cujo teor e análises das respostas virão a seguir.

A primeira questão solicitava aos leitores uma avaliação dos livros lidos. Eles declararam que tal processo de leitura servia para instrumentalizá-los a ter poder, já que os movia a compreender a sociedade brasileira, a se identificar com parcela significativa da população e também a criar estratégias de ação e reação. Atrelado a isso, afirmaram o quanto tal literatura promove reflexões sobre a vida presente num país cuja marca do racismo é compreendida como estrutural.

É comum os leitores selecionados pontuarem uma dicotomia, pois dizem que nos textos encontram a dor, a morte, a violência, sempre associada ao afeto, a esperança e a militância. Ou seja, não identificam nos textos mera constatação da tragédia social que o genocídio do povo negro acarreta historicamente no Brasil. Verificam, sobretudo, a presença da esperança que pode desembocar numa transformação social concreta, por meio da implicação com a luta contra o racismo.

Identificavam tanto a escrita do autor, quanto a forma que ele expõe suas ideias como rica, objetiva e direta. A1 afirma: “Engana-se quem pensa que suas palavras são duras, secas ou sangrentas. Em minha avaliação, aparece a mente de um homem composta de revoltas sociais, de amores ardentes, carinhos latentes e religiosidade”.

Como o GELPs, após promover os círculos de leitura, leva escritores e escritoras ao diálogo presencial com os leitores, estes destacaram a diferença entre a voz do autor presente

nos textos e a performance dele quando esteve em Itaberaba. Tal observação expõe a multiplicidade de possibilidades interpretativas que ler e dialogar com obra e com o autor podem evocar, já que tais leitores tiveram acesso ao texto escrito, mas também a voz, ao gesto, ao corpo, a oralidade do escritor estudado. Assim, A2 demarca o “chegou antes” como o momento da leitura dos livros e o “pessoalmente chegou”, como a vez em que o autor nos visitou no Campus:

Hamilton Borges **chegou antes** muito pesado, doloroso, mostrando uma Salvador cruel, mas que também ama; que se dedica ao que gosta; que luta e vibra por coisas boas, e **pessoalmente chegou** bem leve em nossas vidas, melodiosamente se apresentou e ficou guardado dentro da gente de várias formas, um escritor que tem ginga e canto e língua afiada. (Resposta da leitora A2).

A segunda questão solicitava aos leitores que elencassem textos que os chamaram a atenção e justificassem por qual motivo isso ocorreu. Observamos que tal processo desencadeou para os leitores uma experiência através da leitura literária de Hamilton Borges, ou seja, ocorreu o estabelecimento de uma relação entre o conhecimento explicitado pelo autor nos textos e a vida concreta dos leitores.

Pensar em experiência literária, portanto, significa problematizar o conhecimento obtido pelos leitores, através de práticas de leitura efetivas. Para Larrosa (1996), narramos, somos narrados e, para compreender nossa existência, precisamos ter acesso a múltiplas narrativas. Assim, ler literatura evoca a questão existencial, já que nossas vidas são textos narrativos e nós humanos vivemos para dizer quem somos e nesse processo construímos nossa história e demarcamos nossa identidade.

Ainda, para Larrosa (1996), a experiência da leitura relaciona-se com os diversos caminhos que se percorre para chegar à construção de significados. Esse percurso exige tanto a suspensão de sentido quanto a abertura para a resignificação. Neste contexto, aspecto relevante sinalizado pelos leitores do GELPs foi o que chamaram de “reavivamento de memórias”, pois, durante a prática leitora, puderam ativar suas memórias familiares e histórias de vida e resignificá-las, positivando-as. Num dos círculos, ao ler o poema “Me lembrei de vovó”, um dos leitores declarou que sua avó parecia-se com aquela do texto, todavia já envergonhara-se dela antes pelo fato de ter sido mãe solteira, sem formação escolar e ter se relacionado com homens diversos. Entretanto, ao ler o poema, podia compreender o quanto sua avó era uma mulher libertária que garantiu sozinha a vida de toda a família. A partir daquele relato, ocorreu uma reação em cadeia e mais dois outros leitores também narraram suas histórias de vida, cuja presença de uma mulher negra era central e determinante e também desmonstraram atribuir outras interpretações mais orgulhosas a tais histórias.

Portanto, problematizando essa postura dos leitores diante da leitura de Hamilton Borges, compreendemos que a “experiência seria aquilo que nos passa. Não o que passa”, (LARROSA, 2007, p. 132), pois vivemos em um mundo, onde, a todo momento, tomamos conhecimento de diversos acontecimentos, apesar disso, o acesso a tais informações não necessariamente nos afeta. Ter conhecimento dos acontecimentos não significa ter tido experiência, já que a experiência diz respeito à vivência de acontecimentos que não são apenas conhecidos, como fatos exteriores a nós aos quais podemos estabelecer ou não uma relação, mas sim a eventos que toma posse de nós, nos tornando diferentes do que éramos, assim como afirmou o leitor A1: “Me vejo agora como protagonista, sinto as dores que [...] sentem na literatura, me emociono com a revolta, as preocupações, os amores e as alegrias que envolvem (os personagens) no desenrolar do texto”.

Desta maneira, observamos o quanto os leitores se identificam com a cena e com os personagens que aparecem nos textos de Hamilton Borges. E este reconhecimento é um aspecto recorrente, já que a leitora A1 explicita ao falar sobre o texto: “reflete a realidade de muitos brasileiros, em especial a minha. Filho de uma mãe e neto de uma avó, mulheres aguerridas que sobrevivem a duras penas, ao que lhes é imposto pela sociedade misógina vigente”. Já A3 declara que dois poemas são responsáveis por remeterem ao valor da avó na vida dela e reacenderem “essa chama de amor, pois é ela (a avó) é a base de minha existência, responsável por tudo que me tornei nesta vida adulta”.

Uma das razões que leva o leitor à leitura de uma obra de ficção seria uma espécie de ganho antropológico, pois o leitor se reconheceria no texto e encontraria ali sua identidade. Nota-se com isso a importância da leitura de textos literários, em especial aqui, dessa literatura oriunda das margens, para os leitores do GELPs, que, em sua maioria, vivem também em espaços marginalizados. Dessa maneira, estes leitores, a partir de uma experiência estética, se reconhecem no passado, compreendendo melhor o seu presente. Na resposta de A3, ela diz que as obras de Hamilton são: “obras que nos move a continuar estudando e lendo literaturas, pois só elas nos impulsionam a continuar lutando contra o racismo, e todos os ismos impostos por esta sociedade”. Já para A4, os textos lhes causam “Uma sucessão de sentimentos diferentes. Dor, medo, sensibilidade, uma vontade de chorar ao final de cada história”. Mas, por outro lado, a mesma leitora A4 percebe “a importância dessa literatura contemporânea para o ressurgimento dessas vozes e dessas realidades silenciadas por tantos anos. Percebo a importância dessa representação e dessa visibilidade trazida nos livros de Hamilton Borges”. Por isto, talvez, seja pertinente concordar com Iser (1999, p. 77) quando este afirma que é “talvez por essa razão que exista a literatura”.

Para Larrosa (2007), a leitura não se restringe à fonte de prazer ou de conhecimento, porque ela nos afeta e tal ação pode desencadear em nós também a tristeza, o sofrimento. Talvez por isso, a leitora A2 enuncia: “dói muito em quem lê e entende a dor”, ao falar sobre o conto “O cabelo crespo de Ariadne”. Nesse movimento, pela via da dor ou de outras emoções mais confortáveis, o ato de ler nos constitui em outro ser – diferente do que éramos. Conforme a leitora A4: “A leitura apesar de nos doer do início ao fim também nos faz mais sensíveis. Conseguimos enxergar muito além do óbvio”, aludindo aos poemas lidos em *Teoria Geral do Fracasso*.

Entendemos também que a leitura se configura em experiência quando os leitores transpõem aquela ação geralmente realizada individualmente em prática social e cultura da vida cotidiana. Ou melhor, quando através da leitura fomentamos uma autorreflexão e mudamos nossas atitudes frente ao mundo. A preocupação com o receptor, com a experiência vivida pelo leitor da obra de arte, esteve mais ou menos presente desde a época de Aristóteles, mas foi apenas a partir de Jausse que ela ganhou sistematização. Para Jausse (2002), um leitor jamais será o mesmo após uma leitura, pois a experiência da leitura liberta o leitor, na medida em que a leitura lhe impõe a percepção das coisas que o rodeiam. A resposta da leitora A7 mostra essa presentificação transformadora a partir da leitura. “Ambas as obras me proporcionaram uma mudança na minha visão de mundo, na forma como olhava para as coisas, hoje não olho mais para um vendedor ou um morador de rua da mesma forma que antes, e isso foi proporcionado por Hamilton”.

Para Marcelino Freire (2014, p. 29), foi preciso ler o poema “O bicho” de Manoel Bandeira para que ele mesmo “enxergasse o mundo agonizando à minha (sua) cabeceira”, pois teve que morar num bairro pobre, onde muitos homens, tal qual aquele denunciado na poesia de Bandeira, existiam. Foi o texto literário que escancarou tal existência para o jovem leitor Marcelino. E mais que isso: foi a experiência de ler o texto literário que o tornou sensível e empático a tal existência. Para os leitores do GELPs, Hamilton foi um daqueles que os fizeram se ver no texto e se perceber como atuantes, protagonistas. A leitura da literatura negra contemporânea possibilitou uma consciência sobre si e sobre o texto, que têm o papel/a função humanizadora.

Sobre a questão do protagonismo, os leitores identificam que, diferente de outros textos da literatura brasileira, nestes quem está no centro da cena são homens e mulheres negros e negras que circulam geralmente em localidades periféricas. Para além disso, é privilegiada a presença de personagens considerados invisibilizados, marginalizados, sempre tratados de maneira humanizadora e complexa, evitando a estereotipia e não dando margem nem à banalização dos comportamentos destes indivíduos nem à superficialidade.

Cuti evidencia que a literatura nacional construiu o personagem negro, através de uma atuação que caracteriza: “as personagens negras, negando-lhes complexidades e, portanto, humanidade” (CUTI, 2010, p. 16). Por isso, defenderá a importância de escritores negros como Hamilton Borges e suas literaturas que se erigirem para que tenhamos acesso à voz poética negra, engendrada a partir de um autor que conhece internamente as demandas históricas e subjetivas do povo preto. O leitor A6 reconhece isso ao afirmar: “Hamilton Borges, como escritor negro, também é importante para que haja mais protagonistas de suas histórias e das histórias do seu povo”.

Os leitores citaram de maneira recorrente os poemas “Me lembrei de Vovó” e “Amanhece”, bem como os contos “Cidade-túmulo, Salvador”, “A curta vida de Gajé”, “O cabelo crespo de Ariadne” e “Entre grades, o maior amor de Cinderela”. Inferimos que estes foram os mais destacados dentre os demais textos, por se tratarem de leitores jovens e nestes encontram-se como temáticas demandas próprias destas temporalidades, como as relações familiares, questões de sexualidade e gênero, circulação entre o privado e o público, a violência engendrada aos jovens pretos pelas instituições públicas.

Aspecto várias vezes citados pelos leitores é a presença central de mulheres negras. Apesar de a autoria ser masculina, é dada à representação das personagens femininas enorme relevância. As mais velhas, sobretudo, são as que organizam a estrutura familiar e garantem desde aspectos materiais (como moradia e alimento) até os valores e convenções sociais, culturais e religiosos que direcionarão a vida dos demais personagens. Entende-se nestes textos literários a máxima proferida por Angela Davis²¹ de que “Quando a mulher negra se movimenta toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela”. Nos textos poéticos lidos, ao olhar dos leitores entrevistados, é a personagem mulher e negra que organiza e mantém a vida, as sociabilidades e as relações afetivas e comportamentais seja de um agrupamento familiar, seja de uma comunidade inteira, a exemplo dos terreiros de Candomblé.

Nos contos e poemas, aparecem com predominância mulheres negras, cujas histórias de vida se delineiam a partir de um contexto periférico. As faixas etárias variam e os personagens masculinos relacionam-se com elas, ora por relações familiares, ora por questões relativas ao sexo e ao amor carnal, como também por aspectos religiosos. Avós, yalorixás, mulheres trans muitas vezes protagonizam a trama. Ao feminino, a voz poética que é masculina oferece um tratamento notoriamente solidário, não permitindo que o machismo seja a perspectiva em que escritor se pautou para descrevê-las ou para situar-nas na cena.

Assim, mais uma vez, os leitores compreendem que o autor lido rompe com a ideia historicamente construída sobre

21. Em discurso proferido na Bahia, segundo reportagem no *Jornal El País* de julho 2017, disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/27/politica/1501114503_610956.html, acesso em abril de 2019.

mulher negra e perpetrada pela literatura nacional como “a trabalhadora do eito e a mucama” (GONZALEZ, 2018, p. 38). Nos textos analisados, ela é a força motriz que gerencia os espaços familiares e/ou comunitários e tal prática reverbera para além deste microespaço. Elas podem atuar em muito mais papéis sociais, do que apenas atuar dentro da ambivalência entre mulata ou trabalhadora braçal. Os leitores afirmam entender a construção da personagem feminina a partir de uma outra lógica, diferente daquela imposta pelo patriarcado. Nos textos lidos, o autor, segundo os leitores, busca construir uma representação de mulheres negras e periféricas que não as reduza nem as estereotipe, mas que aponte suas complexidades identitárias, políticas, sociais.

Outro fator destacado pelos leitores entrevistados é a morte como signo emblemático dos textos. Todavia, essas constâncias quando ocorrem pela ordem natural da vida é vista como uma passagem e não associada a déficit nem a problema. No entanto, quando a morte é antecipada de maneira violenta, aviltante e fora de hora, para a população preta em forma de extermínio deliberado a esta parcela específica da população, geralmente pelas mãos do próprio Estado e como estratégia deste para assegurar sua soberania, os leitores encontram nos textos tanto uma denúncia como a intenção de mobilizar os leitores a ação e, sobretudo, a reação pela via do engajamento ativo e do ódio, quanto à necessidade de questionar o poder que emerge da morte, já que, conforme ensaio “Necropolítica” de Mbembe (2018, p. 05):

(...) a expressão máxima da soberania reside, em grande medida, no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer. Por isso, matar ou deixar viver constituem os limites da soberania, seus atributos fundamentais. Exercitar a soberania é exercer controle sobre a mortalidade e definir a vida como a implantação e manifestação de poder.

Mas, vale ressaltar, nem todos os corpos são matáveis. O próprio Mbembe (2018) diz que é característica da soberania ditar quem deve viver ou morrer. Dessa maneira, o corpo descartável é daquele que está à mira da morte a todo instante. O alvo é o corpo preto! E, se tratando, especificamente dos textos de Hamilton Borges, o alvo aqui é o corpo dos jovens pretos, pobres e de periferias da capital baiana, Salvador. Se a necropolítica, a qual destaca Mbembe (2018), se refere ao extermínio de corpos, não teríamos aqui a lógica do que denominamos de genocídio? Abdias do Nascimento, em sua obra *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado* (1978), define o genocídio como:

O uso de medidas deliberadas e sistemáticas (como morte, injúria corporal e mental, impossíveis condições de vida, prevenção de nascimentos), calculadas para a exterminação de um grupo racial, político ou cultural, ou para destruir a língua, a religião ou a cultura de um

grupo [...]. Recusa do direito de existência a grupos humanos inteiros, pela exterminação de seus indivíduos, desintegração de suas instituições políticas, sociais, culturais, linguísticas e de seus sentimentos nacionais e religiosos. Ex.: perseguição hitlerista aos judeus, segregação racial, etc. (NASCIMENTO, 1978, p. 16 - 17).

Por fim, a última questão respondida pelos sete leitores versava sobre os efeitos de tal prática de leitura e do acesso aos textos poéticos de Hamilton Borges para eles. Ratificaram que a literatura de Hamilton Borges promove reconhecimento entre os leitores e os personagens ali representados, como também enunciam o orgulho de se identificarem no texto, como protagonistas e de maneira positivada. Asseguram que tal leitura lhes sinalizou a possibilidade de eles também escreverem suas histórias e para a possibilidade de eles finalmente serem narrados pela própria voz e não mais pela perspectiva de outro exterior a eles (esse que representa o Mesmo).

Para esses leitores, representatividade importa sim. E a literatura, escrita por negros e negras, que nasceram, vivem ou viveram em periferias urbanas brasileiras e escrevem sobre os historicamente *marginalizados* em seus textos, a exemplo de Hamilton Borges, proporciona isso. Por fim, destacamos a análise do gelpiano A6: “Provocou-me uma satisfação em saber que têm surgido literaturas tão boas como essas. É uma literatura que nos causa sentimentos diversos, inquietante, uma experiência literária diferente, de forte reflexão. Uma literatura de representatividade”. Vale ressaltar que escritas que falam dos espaços e sujeitos excluídos sempre existiram, não é algo característico apenas da literatura contemporânea. Entretanto, o diferencial dessa produção literária é a representação realizada por aqueles que conhecem tais debates de dentro, por dentro e por isso possuem uma legitimidade peculiar para tratar dos espaços das margens e conseqüentemente dos sujeitos que neles transitam.

Afirmam os gelpianos que os textos os comoveram bastante e potencializou neles uma raiva produtiva, ou melhor, um sentimento de incômodo e insatisfação diante da realidade do racismo, da violência e do genocídio contra as populações negras no mundo, e isso não os deixou imóveis, pelo contrário, os provocou a reagir e a lutar. Sinalizam que a mobilização a partir da leitura é inevitável, já que compreendem que eles não saem do texto da mesma forma que entraram e sentem-se transformados e impelidos a lutar.

Como aqui destacaremos o papel dos leitores ao construir sentido da literatura de Hamilton Borges, identificamos que o autor evidencia repertório leitor, a partir tanto de referências musicais – a exemplo da influência do músico Miltão, do Orunmilá – quanto literárias, compostas, sobretudo por autores desde Machado de Assis, Luiz Gama e Cruz e Souza, passando por José de Alencar a Wole Soyinka, Italo Calvino e Landê Onawale. Para Hamilton Borges, ter

acesso, ainda que tardio à palavra escrita, o motivou a buscar a escrita literária como caminho para si. Os leitores do GELPs parecem ter a mesma postura, pois ao ler Hamilton Borges, eles também veem a prática da escrita como algo possível para eles mesmos e identificam como estratégia de luta a formação intelectual, a inserção em práticas de leitura e escrita, além da produção literária não apenas como fruição, mas também, como instrumento de consolidação de um projeto identitário e político, capaz de enfrentar o racismo e ressignificar as práticas de discriminação e violência historicamente relacionadas ao povo preto no mundo.

Considerações provisórias sobre uma literatura combativa para leitores afrontosos

De acordo com Iser (1999), todo texto proporia um tema e a partir de seus vazios e omissões, o leitor desenvolveria seu horizonte próprio, ou melhor, complementaria com seu repertório os sentidos do texto. Como mecanismo controlador, logo após a leitura, o mesmo texto continua a propor outros temas ao leitor que vai se envolvendo paulatinamente e ativamente no processo de interpretação, via formulação de hipóteses e inferências e também de confirmação ou rejeição do que elaborou neste processo. E assim por diante, como num jogo de adivinhação, no decorrer da leitura, o leitor formula várias ideias e aguarda o desenrolar do texto para verificar sua validade. E parece estar exatamente aí um dos pontos centrais da obra de arte: sua capacidade de adaptar-se a múltiplos leitores, a múltiplas situações. As respostas distintas e semelhantes, ao mesmo tempo, reforçam a concepção de Iser (1999) e deixam subtendido que os textos tiveram uma significação importante na vida de cada um desses leitores, como pode ser visto nas respostas abaixo da leitora A2. Para ela, a literatura de Hamilton Borges:

Provoca muitas coisas. Da comoção ao aumento da raiva em relação ao estado genocida que vivemos. Vai da dor da perda ao amor sendo plantado e cultivado, incentivado, mostrado. A alegria de ver nossas histórias publicadas, digo nossas histórias porque é difícil não se achar nessas passagens. Ver o que nos foi negado há muito tempo que é a representação das minorias de forma significativa, valorizada e protagonista.

Assim, compreendemos que o pacto entre autor e leitores é concretizado no momento em que este propõe um texto combativo, feito para mobilizar os leitores ao enfrentamento das questões raciais, sociais e políticas contemporâneas, com isso, os leitores se munem de possibilidades efetivas de ação e luta e se veem prontos para o embate com as questões de seu tempo de forma ativa e, sobretudo, afrontosa. Pois, ao lerem este autor e sua literatura, os leitores declaram olhar para dentro de si e este empreendimento contribui

com a consolidação de sua autoestima e também com a conscientização da importância da tomada de atitudes concretas em torno do combate ao racismo.

Referências

ALENCAR, Luiz Carlos. Apresentação. In: SANTOS, Hamilton Borges. *Salvador, Cidade-Túmulo*. Salvador: Quilombo Xis/ Reaja, 2018.

ANGELA Davis: “Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela”. *El país*. 27 jul. 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/27/politica/1501114503_610956.html. Acesso em: 08 abr. 2019.

CANDIDO, Antonio. O direito à Literatura. In: CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul / São Paulo: Duas Cidades, 2004. p. 09-26.

FREIRE, Marcelino. O bicho da literatura. In: CORDEIRO, Verbena Maria Rocha e LIMA, Elizabeth Gonzaga de (Org.). *Modos de ler: oralidades, escritas e mídias*. Curitiba: Arte& letra, 2014.

GONZALEZ, Lélia. *Primavera para as rosas negras*: Lélia Gonzalez em primeira pessoa. São Paulo: Diáspora Africana, 2018.

ISER, Wolfgang. O fictício e o Imaginário. In: ISER, Wolfgang. *Teoria da ficção: indagações a obra de Wolfgang Iser*, Organização de João Cezar de Castro Rocha, tradução de Bluma Waddington Vilar e João Cezar de Castro Rocha. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 1999. p. 111-142.

JAUSS. Hans Robert. O texto poético na mudança de horizonte de leitura. In. LIMA, Luiz Costa (seleção, introdução e revisão técnica). *Teoria da literatura em suas fontes*. Volume 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

LARROSA, Jorge. Literatura, experiência e formação. In: COSTA, M.V. (Org.). *Caminhos investigativos*. Porto Alegre: Mediação, 1996. p. 83-95.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. Organização de Peter Pál Pelbarte e Ricardo Muniz Fernandes; tradução de Renata Santini. 2.ed. São Paulo: Editora n-1 edições, 2018.

SANTOS, Hamilton Borges. *Teoria geral do fracasso*. Salvador: Quilombo Xis/ Reaja. 2017.

SANTOS, Hamilton Borges. *Salvador, Cidade-Túmulo*. Salvador: Quilombo Xis/ Reaja. 2018.

SILVA, Luiz. (CUTI). *Literatura Negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.